

RESENHA DE *A LIÇÃO DE ENEIAS*, DE ANDREA MARCOLONGO. TRADUÇÃO DE MIGUEL SERRAS PEREIRA. COIMBRA: EDIÇÕES 70, 2023, 271 P. [EDIÇÃO ORIGINAL: *LA LEZIONE DI ENEA*, ROMABARI: GIUS. LATERZA & FIGLI, 2020].

Pedro Falleiros Heise

Universidade Federal de Santa Catarina

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6640-6992>

pedraofh@yahoo.com

Fruto da pandemia de Covid-19 e de uma paradoxal convivência com a epopeia de Virgílio, *A lição de Eneias* é um longo ensaio sobre a obra-prima do poeta mantuano. O primeiro capítulo, “Como nasceu este livro”, explica um pouco dessa ambiguidade que a autora sentia antes de escrever esse livro, a começar pela primeira frase: “A verdade é que eu não queria escrever este livro” (p. 17). Isso porque a *Eneida*, sobretudo, era um poema da época de escola, que na Itália, talvez não muito diferente daqui, ensinava a detestar não só as grandes obras da literatura, mas a própria leitura. De todo modo, “embora a conhecesse dos tempos da escola e a tenha até estudado na universidade, esbarrei oficialmente na *Eneida* nos primeiros dias de março deste ano [2020], durante o isolamento sanitário imposto pela pandemia” (p. 20).

Foi na figura de Eneias, ecoada por um artigo do poeta Giorgio Caproni, “Noi, Enea”, que a autora se encontrou “na sua solidão e na sua humanidade” (p. 21), pois Eneias, “como nós, não sabe o que fazer, mas fá-lo, contudo. Como nós, não sabe por que lado começar, mas na dúvida começa. O que é irritante, de facto – porque não faz senão lembrar-nos da urgência de continuar” (p. 15). Parece que o momento histórico vivenciado pela autora era, em alguma medida, condizente ao que passara o herói troiano ao deixar Troia em chamas. Essa sua primeira lição: “Eneias significa só uma coisa. Perante destruição, responder: reconstrução. A sua lição é essa” (p. 15). É por isso que Marcolongo afirma que “aquilo que a *Eneida* conta – e aquilo que gostaria de contar-vos – não é a história de Roma nem a de Eneias. É a história

de um homem. Não do homem antigo, mas do homem contemporâneo – até mesmo do homem futuro, se nos fosse dado dele ter notícia” (p. 26).

No segundo capítulo, “Em lágrimas”, a autora traça um breve panorama da biografia de Virgílio, sempre destacando as dificuldades por que deve ter passado o poeta, como atesta o título do capítulo. Nesse trecho do livro, como se trata de um ensaio, a autora se permite com certa constância trazer questões do nosso tempo para a época de Virgílio, como quando sugere a escolha do poeta em seguir não uma carreira que lhe proporcionasse grandes lucros, mas a de um literato, uma “escolha que, ao que parece, hoje como ontem, suscita as lágrimas, quase sempre históricas, daqueles a quem é comunicada. Não se trata aqui das *lacrimae rerum* virgilianas, mas da prostração fatal que fere e mortifica aqueles a quem alguém anuncia o desejo de consagrar a sua vida às letras clássicas. [...] Talvez a Virgílio tenha sido poupado o sarcasmo atual associado às chamadas ‘línguas mortas’, mas também ele deverá ter sofrido a série repisada de perguntas apocalípticas que se abate sobre quem escolhe empreender estudos humanísticos: ‘Para que é que isso serve? Onde terei eu errado contigo? Literaturas clássicas, hoje! E se pensasses numa profissão séria, que tal? Sim, mas que vais fazer depois? Apesar de tudo, não queres ser professor, pois não? O futuro é digital, é *smart!*’” (p. 38). Virgílio, continua Marcolongo, “queria ser poeta, e foi-o de facto – confirmando a minha experiência segundo a qual a parte mais difícil dos estudos clássicos não é tanto o estudo em si (estudar química ou arquitetura é, imagino, igualmente exigente), como resistir às perguntas constantes que a sua escolha suscita” (pp. 38-39). Eis outra lição de Eneias, poderíamos acrescentar.

Além dessas lições do protagonista da *Eneida*, outro aspecto muito interessante do livro de Marcolongo é que também aprendemos com a autora a ver – e ler – a *Eneida* com outros olhos, que não os do propagandista imperialista, ou do apologeta do império. Com efeito, os pontos que merecem mais atenção no ensaio de Marcolongo, a meu ver, são os capítulos em que trata da questão de uma necessidade de uma leitura com viés feminista do episódio de Dido (capítulo “V. Uma questão feminina: Dido e o amor na *Eneida*”) e da suposta formação de um povo itálico e europeu (capítulo “VII. Os outros, logo nós: A Itália e os povos itálicos na *Eneida*”).

O episódio de Dido serve como ponto de partida para aquilo que Marcolongo denomina a “necessidade de uma questão feminina no mito clássico” (p. 100), pois, ao contrário do que ocorre com personagens masculinas, que são “desde sempre escrupulosamente dissecadas em termos psíquicos” (p. 100), os destinos femininos, ao contrário, “na maior parte dos casos, não se faz mais do que lacrimejar. Do que suspirar: ‘Pobrezinha!’ perante a lista interminável das mulheres seduzidas e abandonadas da Antiguidade” (p. 100). A nós, enquanto uma sociedade que se propõe civilizada, cabe ter a “coragem de olhar de frente para a questão feminina levantada pelas mulheres no mito

clássico” (p. 104), e compreendê-las para além da “simples reação escandalizada perante o comportamento masculino” (p. 104). Por isso, que “estamos perante um mal a condenar é sabido desde há séculos. Hoje é necessário aprofundar a sua compreensão para vermos de que é feito esse mal, e como nasce. Não para nos comprazermos na autópsia da dor de Dido. Mas para impedirmos que para outras mulheres aconteça que ‘o calor se esvaiu e a vida sumiu-se para as brisas’ (*Eneida*, IV, 705)” (pp. 105-6).

O segundo momento de maior importância desse ensaio, sempre a meu ver, é o subitem “Para uma desfascização da *Eneida*” (pp. 186-197). O regime fascista de Mussolini, como se sabe, tentou se apropriar da *Eneida*, fazendo dela o poema exemplar da “romanidade”. Em tempos em que a ideologia fascista volta a rondar nossas sociedades, é sempre bom lembrar que Eneias não é descrito por Virgílio como um herói brutal, viril, destemido. Muito pelo contrário: em vários momentos o protagonista mostra sua fragilidade humana, seja quando fica abatido por ter que abandonar Dido (não por sua vontade, por causa do *fado*; ver: *En.* 4.361 e 6.460), seja quando sente compaixão pela morte de Palante, filho do rei Evandro, um de seus aliados contra Turno. No entanto, sob a lente distorcida do regime fascista, “o herói torna-se um temível conquistador que não faz outra coisa que não seja derramar sangue ao longo do seu caminho para Roma – sob o fascismo não são admitidas as inquietações e as hesitações dolorosas que são o verdadeiro traço peculiar da personagem virgiliana, tão distante da fúria apaixonada dos heróis homéricos” (pp. 192-3).

Aliás, é de se lembrar que o epíteto característico de Eneias é “pio” (*pius*), “piedoso”, no sentido de ser devoto, obediente em relação aos deuses. Contudo, na ótica do regime autoritário ele é visto “como modelo do bom cidadão fascista – e, de *pius*, o herói torna-se *macho*” (p. 193, grifo da autora). Com efeito, para quem lê a *Eneida* com o devido cuidado, há de notar que o traço marcante de Eneias não é a força de um Aquiles ou a astúcia de um Ulisses, mas sim o cumprimento das ordens divinas e certa perseverança.

Outro ponto curioso é como o fascismo italiano tentou apagar as origens de Eneias, o que é mencionado *en passant*, e de modo irônico, por Marcolongo: “é pena que Eneias fosse troiano e que, portanto, o seu sangue estivesse muito longe da pureza reclamada pelo regime. Sobretudo, terá escapado aos propagandistas que a condição do herói enquanto *fato profugus* em Itália seja referida claramente logo no segundo verso do Livro I da *Eneida*” (p. 193). Só faltou ela dizer com todas as letras: Eneias era um *imigrante*, um troiano (se atualizássemos, diríamos um turco, uma vez que Troia ficava na costa ocidental da atual Turquia), um estrangeiro que se casa com uma italiana, uma local. Lembrar isso deve ser um verdadeiro pesadelo para os defensores da indefensável xenofobia, ainda mais para certos governos europeus, notáveis exemplos de manifesta aversão aos estrangeiros em pleno século XXI.

Mas a história da *Eneida* é outra, e, com efeito, de acordo com sua narrativa, o povo da Roma antiga é fruto de *miscigenação*: “O que escapou sempre ao regime fascista é que, se a Itália existe e existe com os seus valores, isso só acontece porque os latinos e os troianos se uniram por meio de um pacto multiétnico e multicultural, que deu vida a um novo povo híbrido: o dos romanos” (p. 196).

Uma pergunta importante que a autora faz concerne ao objetivo de Virgílio com seu poema: seria a *Eneida* um poema de propaganda imperialista de Roma? Para Marcolongo, não. De acordo com ela, durante séculos se disse de tudo e o contrário sobre Virgílio, sobretudo que seria um “trovador estipendiado, um jogral da corte encarregado de propagandear os feitos de Augusto ao som dos seus hexâmetros” (p. 129). No entanto, para a autora bastaria fazer uma verificação nos próprios versos da epopeia: “Mas um *fact checking* é suficiente: dos 9896 versos que compõem a *Eneida*, só 69 comportam uma referência direta a Augusto” (p. 130). Além disso, o principal momento da obra em que o futuro glorioso de Roma é proclamado se dá no livro VI, quando Eneias desce, ainda em vida, ao reino dos mortos para encontrar seu pai, Anquises, que havia falecido após deixar Troia. Por isso, no que tange a um suposto enaltecimento do regime augustano, o efeito do poema “é o de uma poderosa distopia. O futuro que aguarda Roma é sem dúvida glorioso, mas surge narrado por um morto no reino dos mortos como obra de seres humanos que ainda não nasceram e que aparecem sob a forma de espectros. Todo o esplendor que o principado trará, Eneias conhece-o no além sob o lago Averno [...]” (p. 150).

Some-se a isso que, ao deixar o Averno, a Sibila que guia Eneias pelo reino dos mortos lhe mostra duas portas para sair: uma, a dos sonhos verdadeiros; outra, a dos sonhos falsos. Por que motivo Eneias escolhe sair por esta última, depois de ter ouvido e contemplado todo o futuro esplendor do império romano? Desde a antiguidade os intérpretes da *Eneida* se perguntam por qual razão o herói teria escolhido justamente a porta dos sonhos falsos. Marcolongo propõe uma leitura (p. 163):

“Foi Virgílio quem acreditou tocar com a mão a idade de ouro, mas sem se dar conta de ter transposto o limiar das mentiras. Não foi entre sombras verdadeiras que o poeta experimentou a paz, a concórdia e a serenidade – ou que conheceu pelo menos o sabor da trégua. Não importa, parece dizer aqui Virgílio, enquanto juntamente com Eneias é bruscamente devolvido à realidade. Não tem a menor intenção de anular o seu sonho, ainda que falso – ainda que entre as mãos tenha agora não uma esplendorosa época de ouro como sonhou, mas uma época de ferro oxidante”.

O ensaio de Andrea Marcolongo trata ainda da poética da *Eneida* e de sua *Nachleben* (sua “pós-vida”, ou seja, sua fortuna), como ela mesma a denomina. Excetuando-se uma ou outra imprecisão (como a leitura do verso

57 do livro VII, em que afirma que “aquilo que a jovem [sc. Lavínia] sente pelo rei dos rútuos não é simples afeição, mas ‘espantoso desejo” (p. 124), sendo, no texto, a rainha Amata que manifesta seu desejo de unir a filha – *a jovem* – ao rei dos rútuos), o livro é um ótimo incentivo à leitura dessa obra-prima da Antiguidade e traz lições para todos aqueles que acreditam numa suposta *liberdade* total, outra marca de nosso tempo. Falando sobre o fado na *Eneida*, um dos temas mais instigantes da obra, a autora afirma: “Trata-se somente de aceitar. E de logo a seguir passar à ação. Em última análise, o que a *Eneida* põe em cena é esse ato épico de aceitação consciente da inevitabilidade da renúncia. O talento de Virgílio foi dar uma voz a todos os que na vida fazem não o que não querem, mas o que devem” (p. 71).

Recebido: 5/4/2024

Aceito: 10/4/2024

Publicado: 2/5/2024

Rev. est. class., Campinas, SP, v.24, p. 1-5, e024001, 2024